



GEOGRAFIA CULTURAL: ESTRUTURA E PRIMADO DAS REPRESENTAÇÕES

■ SYLVIO FAUSTO GIL FILHO – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA / UFPR

RESUMO:

A CIÊNCIA E A POLÍTICA SÃO PARTES PREPONDERANTES DO UNIVERSO REIFICADO DE CONHECIMENTOS CIRCUNSCRITOS, EM OPOSIÇÃO AO COTIDIANO QUE PROJETA AS PESSOAS DIANTE DOS DILEMAS DA VIDA ATRAVÉS DA BUSCA DE APARATOS MÍTICOS E RITUAIS QUE ENVOLVEM O MUNDO ENQUANTO CONVENÇÕES. O ESPECTRO DAS CONVENÇÕES SOCIAIS, PARTE INTRÍNSECA DO UNIVERSO CONSENSUAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INDICA A SOCIEDADE COMO UM MUNDO DAS COISAS PLENAS DE FINALIDADES, ONDE O DENOMINADOR COMUM É O PRÓPRIO HOMEM. EXISTE UMA IDENTIDADE COMUM AO GRUPO, LIVRE E DE CERTO MODO IGUALITÁRIA. DOIS MUNDOS COEXISTEM: UM CONSENSUAL, PRÓPRIO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, E OUTRO REIFICADO, PRÓPRIO DAS CIÊNCIAS E DA POLÍTICA. ENQUANTO O SEGUNDO SURGE FORA DE NÓS DE MODO COERCITIVO E É AQUELE AO QUAL DEVEMOS SER SUBMETIDOS NA FORMA DE UM ESPAÇO DE RELAÇÕES DE PODER, O PRIMEIRO É A CONSCIÊNCIA COLETIVA QUE RESTABELECE UMA HARMONIA CONVENCIONAL NA EXPLICAÇÃO DAS COISAS E DOS FATOS DO COTIDIANO EM UM ESPAÇO BANAL. A ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS COLOCA DIANTE DA NECESSIDADE DE DECODIFICAR ESTE MUNDO PRÓPRIO DO UNIVERSO BANAL, O DO SER NO ESPAÇO PARA O SER ENQUANTO ESPAÇO. PARTIMOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA UMA GEOGRAFIA CULTURAL DO MUNDO BANAL, DA CULTURA COTIDIANA, DO UNIVERSO CONSENSUAL, IMPACTADA PELO UNIVERSO REIFICADO DA CIÊNCIA E DA POLÍTICA. ESTE ENSAIO VISA APRESENTAR OS ELEMENTOS DE SUA ESTRUTURA E BASES ANALÍTICAS.

PALAVRAS-CHAVE: GEOGRAFIA CULTURAL, ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E GEOGRAFIA.

O MUNDO DAS REPRESENTAÇÕES _____

O mundo é minha representação. Esta proposição é uma verdade para todo ser vivo pensante, embora só o homem chegue a se transformar em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento em que é capaz de o levar a este estado, pode-se dizer que nasceu nele o espírito filosófico. Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol nem uma Terra, mas apenas olhos que vêem este sol, mãos que tocam esta Terra; em uma palavra, sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representa-

ção, em sua relação com um ser que percebe, que é o próprio homem. Se existe uma verdade que se possa afirmar a priori é esta, pois exprime o modo de toda experiência possível e imaginável, conceito muito mais geral que os de tempo, espaço e causalidade que o implicam (Schopenhauer, 2001:9).

A representação é uma forma de conhecimento. Mesmo que tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito-objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação. No dizer

de Schopenhauer (2001), se tudo o que existe está para o sujeito e depende dele, então o mundo é uma representação.

Esse tipo de expressão da totalidade só pode ser apreendido de modo adequado a partir da linguagem. Cassirer (1998) considera que nem todas as manifestações lingüísticas estão sujeitas ao mesmo processo de re-significação, muito embora potencialmente uma parte da linguagem tenda quase que exclusivamente a se expressar através de elementos e caracteres puros. As expressões por assim dizer puras são íntimas e desprovidas de qualitativos. Progressivamente, à medida que desenvolvemos a complexidade da significação do mundo, abrimos uma conexão com a representação.

A linguagem como função do pensamento representa o mundo concreto imediato como outro, um mundo de re-significações. Como comenta Herder (1986), o ato da reflexão não é apenas o mero pensar sobre dados intuídos, é sobretudo a própria co-determinante das formas dos conteúdos apresentados. Assim, a forma representa a coisa com seus atributos, mas "não pertence, todavia, à coisa, nem é imediatamente uma forma da coisa, senão algo representado que sua vez representa" (Schapp e Cassirer, 1998).

Considerando as representações como cernes da consciência, verificam-se as interações possíveis entre os conteúdos de um fenômeno e sua dinâmica representativa. Desse modo, à medida que a consciência desenvolve a apreensão mais complexa da interação entre percepção imediata e representação, a unidade substancial entre ambas fica mais definida e específica. Esta configuração concreta de unidade e diferenciação aparece numa estrutura hierárquica, gerando patamares de determinação nas diferentes esferas sensoriais. A percepção imediata dos objetos através destas é

um fundamento das determinações circunstanciais, às quais damos as vestes de objetividade. Nesta primeira apreensão da realidade residem os predicados da forma, ou seja, a dialética entre objetividade e subjetividade. A partir deste contexto, inferimos as seguintes instâncias da modelização simbólica, entendida como um processo de re-significação dos objetos rumo à realização das representações:

I) Na primeira base, a tendência à representação está implícita. Contudo, não atinge sua plena realização, pois a representação, neste caso, é parte da forma e não sua projeção exterior.

II) Ainda sob o aspecto sensorial, os campos visuais proporcionam diferentes perspectivas externas da imagem e sua realização estética e funcional.

III) O terceiro alicerce de manifestação da representação pertence a seu aspecto intelectual sob a capacidade de modificação do ser perante a forma. Sob este aspecto, aproximamo-nos do limiar entre o aspecto puramente fenomenal e o metafísico.

IV) Agregado ao intelecto, mas além de suas funções lógicas, há também as determinações da memória, que quando transcende as determinações individuais e atinge o estatuto do pensamento social marcado pela prática social permanece viva na sociedade enquanto imagem e memória coletiva. Como lembra Halbwachs (1975), a idéia e a imagem não representam elementos distintos de nossa consciência, como uma social e outra individual, mas prismas diferentes em que a sociedade contextualiza os objetos no conjunto dos parâmetros de seu devir.

V) O quinto suporte corresponde à dimensão simbólica da representação, quando esta transpõe os limites da individuação e expressa a realidade de sua própria natureza. Torna-se o meio pelo qual se pode

representar o totalmente diferente. Essa capacidade de determinação do objeto e de sua espacialidade passa a ser uma referência à consciência. Cada vez que intuímos sobre o fenômeno em determinado contexto, temos uma nova cognição. Nesse momento, o processo de modelização simbólica dos objetos atinge seu maior nível de complexidade.

ESPAÇO E PAISAGEM COMO REPRESENTAÇÕES _____

O conceito de espaço estimado pela Geografia é extremamente universal. Sua compreensão já está submetida à compreensão imediata do mundo. Partindo desta premissa, sua primeira apreensão é necessária à existência e, por conseguinte, própria do cotidiano. Todavia, sendo o primeiro conhecimento universalmente necessário, o espaço transcende toda a amplitude genérica do conceito. Sua unidade ontológica remete à etimologia do latim *spatiu*, extensão ideal de amplitude inexorável que contém os finitos.

A condição do ser é necessariamente existência espacial. Esta premissa nos remete à própria universalidade do ser. Para Heidegger (2002) "o ser é um *transcendens* (...), é o conceito evidente por si mesmo". Como premissa primeira e condição necessária à existência, a unidade do espaço transcende a adjetivação cotidiana do universo banal. O já posto ou o já dado não suscita questões à consciência.

Durkheim (1996) demonstrou que o espaço não é um meio vago e indeterminado, como é próprio do pensamento kantiano, pura e absolutamente homogêneo. Se o fosse, não suscitaria o pensamento, e a representação espacial seria uma "primeira coordenação introduzida entre os dados da experiência sensível". Além disso, se o espaço fosse de caráter qualitativamente homogêneo, esta premissa seria

impossível. Já que ele é base de determinações da vida social, revela quebras qualitativas diante da experiência humana. Nesse contexto, torna-se uma determinação primária da consciência da realidade. Tendo isto como pressuposto, a modelização simbólica dos objetos espaciais tem como conceito anterior os parâmetros da consciência mítica.

Numa construção primeira, a da cultura mítica, o sentido das formas espaciais é expresso dentro de um cosmos fechado. A fixidez e serenidade aparente das coisas, no mundo mítico, só são rompidas com o jogo da linguagem e seu processo de nomeação do mundo. Este processo inexorável de reconhecimento conceitual das formas do mundo se converte a uma unidade da imagem. A linguagem é a mediação necessária entre as coisas e seus significados mais ocultos. Assim, quando tangenciamos a imbricação entre o mito e a linguagem estamos, no dizer de Cassirer (1998), "frente ao umbral de um novo mundo espiritual".

À medida que uma imagem transcende os limites de si mesma, transforma-se em representação que, por sua vez, se converte na encarnação da imagem, sua presença e o próprio ato de se fazer presente. Portanto, a representação é expressão concreta, quer por manifestação, quer por emanção de uma vontade incontida do aqui e agora, e não admite redução a nenhuma outra forma semelhante. A individuação da representação é expressa por meio de formas concretas mediadas pela linguagem. Como fenômenos sensíveis, as formas se revestem de sentido através de seu âmbito. Ou seja, considerando a realidade dividida em esferas fenomênicas presenciais e das representações, a articulação destes âmbitos é a base de uma Geografia do Conhecimento, sendo o mundo presencial a esfera da coisa em si, o mundo dos significantes, a semelhança do conceito

lefebvrieriano da prática espacial. Já o mundo das representações é a esfera da coisa para si, a instância das propriedades do objeto, o mundo semântico e o reino do simbólico.

A análise da espacialidade das formas simbólicas sofre do mesmo dilema epistemológico apresentado por Soja (1996) como próprio da epistemologia do segundo espaço de caráter subjetivo e idealista, ou, como Lefebvre (1991) sugere, como uma “ilusão de transparência”. Também apresenta dificuldade em romper a opacidade da reificação do real como puramente material presente na interpretação da teoria social marxiana.

A espacialidade das formas simbólicas como face das representações sugerida em nossa análise é uma dimensão necessária na constituição de uma Geografia do Conhecimento. A análise da morfologia simbólica dos objetos espaciais é a dimensão próxima da paisagem.

Sob a herança clássica em Geografia, a paisagem é a associação dos fatos espaciais que constituem uma unidade e identidade. Sob esta base, a contribuição de Sauer (1967) estabelece um equilíbrio associativo entre as relações espaciais e temporais dos elementos da paisagem. A paisagem cultural se realiza como um produto final da conexão de estruturas humanas. A expressão cultural seria a marca da projeção do trabalho do homem relacionado a determinada área. Por fim, o método morfológico de base organicista valida uma verificação dos produtos culturais materiais, os artefatos. A cultura é o agente, a área natural é o meio, e a paisagem o resultado.

Nossa proposição de uma análise da morfologia simbólica da paisagem se move em direção a outro paradigma. A partir de uma teorização das formas

simbólicas, apontamos para a análise morfológica dos objetos materiais e ideais modelados enquanto representações. Non sequitur, a paisagem continua como core área da cultura. Quando articulamos as paisagens, historicamente consideradas como fruto do processo de modelização simbólica, em uma totalidade estrutural ampla, constituímos o espaço.

O espaço como realidade relacional emerge a partir da articulação social entre pessoas e objetos. Essa relação é marcada por um processo de modelagem simbólica no plano do conhecimento num determinado meio. Como lembra Merleau-Ponty:

O espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas sim o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. No lugar de pensarmos o espaço como uma espécie de éter em que todas as coisas estariam imersas, devemos concebê-lo como o poder universal de suas conexões (1993:258).

Esta noção de espaço centrada na fenomenologia se baseia numa análise da experiência espacial centrada no sujeito subjetivo. Desse modo, é a percepção do indivíduo o que edifica o conhecimento do espaço. Contudo, podemos ir além, considerando o pensar e a ação subjetiva do sujeito como reveladores das modificações causadas pelas representações. O impacto destas sob tal abordagem é eminentemente social, e em seu caráter fenomenal se realiza e cristaliza através da comunicação, em redes de conhecimento.

No que tange à premissa de o espaço não ser a cristalização de um fenômeno, mas parte das possibilidades relacionais do mesmo, nós o projetamos como um universo de imagens espaciais concatena-

das pelas representações. Igualmente, como em Bachelard (1989), o espaço é a imagem da efemeridade: "O que se evidencia aqui é que o aspecto metafísico que nasce no próprio nível da imagem, no nível de uma imagem que perturba as noções de uma espacialidade comumente considerada capaz de reduzir as perturbações e devolver o espírito à sua posição de indiferença diante de um espaço que não tem dramas a localizar".

No dualismo interior/exterior está o dilema da imagem do espaço: onde termina o íntimo e interno e aflora a amplitude do externo. As imagens do espaço projetam, em nível do senso comum, uma ordem simbólica do mundo.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS _____

Como as representações sociais possuem uma substancialidade quase tangível no cotidiano, não contestamos os elementos simbólicos que a compõem e nem a prática que a enseja. Sob a qualidade de fenômeno a compreendemos com certa facilidade, mas sob o prisma conceitual e como forma de conhecimento ela nos anuvia em suas idiossincrasias teóricas duais de caráter sociológico e psicológico.

A teoria das representações sociais foi escrutinada no trabalho de Serge Moscovici e construída propriamente no âmbito da Psicologia Social, e com reflexos significativos nas Ciências Sociais sugere como campo específico "o estudo de como e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como transformam idéias em práticas" (Moscovici, 1990:164).

Para tanto, o autor explicita a necessidade do enfrentamento de tendências que visam separar os aspectos psicológicos dos sociológicos. A base de aproximação dos trabalhos de Moscovici (1990)

está na idéia de representação coletiva de Durkheim (1996), que atribui a ela uma autonomia dos parâmetros puramente psíquicos de sua gênese. As representações coletivas seriam a própria trama da vida social, possuindo um caráter relacional tanto entre indivíduos como entre grupos sociais. Desse modo, são os fenômenos sociais que revestem as representações de seu caráter concreto e inteligível. As representações coletivas são os modos como os grupos pensam suas relações com os objetos que os afetam. Todavia, a abordagem de Durkheim (1996) é por demais rígida ao propor uma clivagem teórico-metodológica entre as representações individuais e as coletivas contextualizadas em sociedades arcaicas.

Assim, Moscovici (2003) vai além quando sugere que os fenômenos das representações estão ligados aos processos sociais atinentes às diferenças da própria sociedade. As representações sociais são, então, elaborações coletivas diversificadas no âmbito da modernidade. Ele remete às representações sociais as várias facetas das relações interpessoais do cotidiano. Ou seja, a teoria engloba a articulação de afirmações conceituais e explicações que têm origem no cotidiano. Muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para a organização da realidade.

Jodelet (2001) caracteriza a pesquisa em representações sociais como um campo multidimensional por se situar na interface social e psicológica. Esta realidade reitera o interesse nas Ciências Humanas. Os seguintes elementos convergentes existem no espectro das pesquisas em representações sociais:

I)A representação social é sempre de algo ou alguém, manifestando, assim, aspectos tanto do sujeito como do objeto.

II) "A representação social tem como objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações)". Especificamente é a expressão do sujeito além de uma perspectiva cognitivista, porque integra a análise das determinantes sociais e culturais.

III) É sempre considerada uma forma de conhecimento.

IV) É um saber prático erigido da experiência contextualizada.

Moscovici (2001) explicita as representações sociais como tudo aquilo que se propõe a tornar algo ou alguém não familiar em algo ou alguém familiar. Esta é a tentativa de conceber um universo consensual em contrapartida a um universo reificado; o jogo de forças entre o *opus proprium* e o *opus alienum*, que representa a divisão profunda do conhecimento da realidade. Classicamente era o que distinguia as esferas da ciência sagrada e da ciência profana, e que foi substituído pelos conceitos de universo consensual e universo reificado. Sob o âmbito consensual da sociedade há a equanimidade e a liberdade de representar o grupo devido a determinadas circunstâncias complexas e ambíguas em mundos institucionalizados. Todavia, um universo reificado é intrinsecamente desigual, constituído de classes e papéis. A competência é determinada de acordo com o mérito atribuído e o direito de exercer determinada função. São sistemas preestabelecidos, em que a permuta de papéis sociais é hierarquicamente condicionada.

De certo modo, as ciências tratam especialmente do universo reificado, sendo as representações sociais parte do universo consensual. O propósito do primeiro é estabelecer uma gama de forças, objetos

e eventos independentemente de nossos desejos, em que reinariam a imparcialidade e a objetividade da precisão intelectual. Já as representações remetem à consciência coletiva, que explica o que é de interesse imediato e acessível a qualquer um. Seria a realidade prática, apreendida através da apropriação comum da linguagem e da imagem, e de sua veiculação de idéias.

A ruptura entre o senso comum e o discurso científico no século XX marca o conflito destes dois universos do conhecimento. De certo modo, essa clivagem acompanha a relativização da linguagem em seus significados objetivos e acena para os significados míticos e simbólicos.

A ciência e a política são partes preponderantes do universo reificado de conhecimentos circunscritos, em oposição ao cotidiano que projeta as pessoas diante dos dilemas da vida através da busca de aparatos míticos e rituais que envolvem o mundo enquanto convenções.

O espectro das convenções sociais, parte intrínseca do universo consensual das representações sociais, indica a sociedade como um mundo das coisas plenas de finalidade, na qual o denominador comum é o próprio homem. Existe uma identidade comum ao grupo, livre e de certo modo igualitária. Cada um se expressa no campo do aceito, do banal, próprio do cotidiano. No âmbito de regras próprias há a construção de imagens típicas, projeções sociais auto-explicativas, espaços banais que de modo recorrente integram o indivíduo aos esquemas de sua própria cultura. Todavia, a prática social, neste contexto, invariavelmente revela um mundo de crenças e esquemas mentais convencionais próprios do que é aceito por todos de forma imediata.

Por outro lado, o universo hierárquico e reificado é próprio dos sistemas de classificação, do mundo dos papéis e competências específicas, o mundo das diferenças, das relações de poder, dos saberes hierarquizados, da unção institucional que confere méritos diversos. O espectro reificado é pleno do conflito imanente contido pelos sistemas organizacionais e suas regras e normas. É um mundo com uma linguagem específica para cada embate, para cada contexto spatiotemporal.

Assim, dois mundos coexistem: um consensual, próprio das representações sociais, e outro reificado, próprio das ciências e da política. Enquanto o segundo surge fora de nós de modo coercitivo, ao qual devemos ser submetidos na forma de um espaço de relações de poder, o primeiro é a consciência coletiva que restabelece uma harmonia convencional na explicação das coisas e dos fatos do cotidiano em um espaço banal.

Para Moscovici (2003), a transição entre esses mundos é facilitada pelas ideologias: "isto é, de transformar categorias consensuais em categorias reificadas e de subordinar as primeiras às segundas. Por conseguinte, não possuem uma estrutura específica e podem ser percebidas tanto como representações quanto como ciência".

A análise das representações sociais nos coloca diante da necessidade de decodificar esse mundo próprio do universo banal, o do ser no espaço para o ser enquanto espaço. A espacialidade desse mundo banal possibilita uma Geografia do senso comum, uma Geografia das Representações.

RUMO À GEOGRAFIA DAS REPRESENTAÇÕES _____

Uma Geografia das Representações é uma Geografia do conhecimento simbólico. Assume as

representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política.

A partir dessa discussão, reconhecemos quatro instâncias analíticas para uma Geografia das Representações:

I) A primeira instância de análise se refere à espacialidade fenomênica, que é apreendida através de nossos instrumentos perceptivos imediatos. Refere-se à morfologia dos objetos espaciais e sua concretude, a exemplo das estruturas construídas pelo homem e das superfícies modeladas pela dinâmica natural.

II) A segunda é a apreensão conceitual, pela qual concebemos as formas espaciais por seus predicados e reconhecemos sua modelização simbólica. Ou seja, entendemos os processos como parte de um sistema simbólico permeado de matizes culturais. Trata-se de uma apreensão do limiar das representações.

III) A terceira admite as representações sociais enquanto fenômenos espaciais per se. Neste sentido, as representações sociais são expressões da espacialidade social pelas quais reconhecemos o mundo e suas relações.

IV) A quarta instância é o tratamento das representações sociais como base conceitual e analítica de uma Geografia do Conhecimento engendrada pela dialética entre universo consensual e universo reificado. É a Geografia da plenitude do processo de modelização simbólica do mundo. Essa dimensão de análise transcende a limitação imposta pela individuação excessiva da cognição, própria da Geografia Comportamental. Transfere a análise para a espacialidade de identidades sociais marcadas pelo processo de modelização simbólica, em formas institucionalizadas e objetivadas enquanto representações. Demonstra

como os atores sociais individuais e coletivos marcam a existência de determinada realidade espacial.

A partir do exposto, é possível reconhecer duas linhas de argumentação de uma Geografia das Representações:

I) A primeira é relacionada às identidades sociais como resultado da imposição dos universos reificados sobre os consensuais das representações.

II) A segunda é uma Geografia do Conhecimento banal que cada comunidade produz a partir da representação que cada grupo faz de si mesmo. Uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactada pelo universo reificado da ciência e da política.

A primeira acena para uma Geografia Política das representações centrada no conflito de identidades sociais e institucionais, a partir de um espaço de representação do poder. A segunda aponta para a consubstanciação simbólica do cotidiano modelado pela auto-imagem do grupo social e pelas convenções do senso comum.

As perspectivas para a Geografia Cultural brasileira na discussão e operacionalização do conceito de representação social são múltiplas e de grande potencial epistemológico, não podendo, portanto, ser subestimadas ou ignoradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G.. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BETTANINI, T.. *Espaço e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CARDOSO, C. F. & MALERBA, J. (orgs.). *Representações – Contribuição a um Debate Transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- CASSIRER, E.. *Filosofia de Las Formas Simbólicas III. Cidade do México: Fundo de Cultura Económica*, 1998.
- DURKHEIM, E.. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- , *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Ícone Editora, 1994.
- GEERTZ, C.. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL FILHO, Sylvio F.. "Espaço de Representação e Territorialidade do Sagrado: Notas para uma Teoria do Fato Religioso". In: -----, Ra'e Ga O Espaço Geográfico em Análise. Curitiba, 1999:v.3 n.3, pp.91-120.
- GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HEIDEGGER, M.. *Ser e Tempo – Partes I e II*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HERDER, J. G. [1772]. "Essay on the Origin Of Language". In: ROUSSEAU, Jean-Jacques & HERDER, J. G. *On the Origin of Language – Two essays*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.
- JODELET, D.. "Représentations Sociales: phénomènes, concept et théorie". In: MOSCOVICI, S. (ed.) *Psychologie Sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- (org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LEFÉBVRE, H.. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M.. *Fenomenología de la Percepción*. Buenos Aires: Planeta-Agostini, 1994.
- MOSCOVICI, S.. "Prefácio de Textos em Representações Sociais". In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- , *Representações Sociais – Investigações em Psicologia Social*, Petrópolis: Vozes, 2003.
- SAUER, C. O.. *Land and Life*. Los Angeles: University of California Press, 1967.
- SCHOPENHAUER, A.. *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SOJA, E. W.. *Thirdspace*. Oxford: Blackwell Publishers Inc, 1996.

RESUME

SCIENCE AND POLITICS ARE PREDOMINANT PARTS OF A UNIFIED UNIVERSE OF CIRCUMSCRIBED KNOWLEDGE IN OPPOSITION TO DAILY ROUTINE THAT PROJECTS PEOPLE TOWARDS DILEMMAS THROUGHOUT A SEARCH OF MYTHICAL TOOLS AND THAT SURROUND THE WORLD WHILE BEING CONVENTIONS. THE SPECTRUM OF SOCIAL CONVENTIONS AND INNER PART OF A CONSENSUAL UNIVERSE OF SOCIAL REPRESENTATIONS SHOW THE SOCIETY AS A WORLD FULFILLED WITH THINGS AND PURPOSES, WHERE THE FINAL RESULT IS THE MAN HIMSELF. THERE IS A FREE AND IN A CERTAIN WAY EQUAL IDENTITY WITHIN THE GROUP. TWO WORLDS COEXIST, ONE CONSENSUAL PROPER OF SOCIAL REPRESENTATION AND ANOTHER REIFIED, PROPER FOR SCIENCE AND POLITICS. WHILE THE SECOND ONE APPEARS OUTSIDE US IN A COESITIVE MANNER, IN WHICH WE SHOULD BE SUBMITTED IN THE SHAPE OF A SPACE FOR RELATIONS OF POWER. THE FIRST ONE IS THE COLLECTIVE CONSCIOUSNESS, WHICH REESTABLISHES A CONVENTION HARMONY IN THE EXPLANATION OF THINGS AND DAILY FACTS IN AN ORDINARY SPACE. THE ANALYSIS OF SOCIAL REPRESENTATION GUIDE US FACING THE NECESSITY OF DECODIFICATION OF THIS PARTICULAR WORLD OF THE ORDINARY UNIVERSE OF THE BEING SPACE FOR THE BEING WHILE SPACE IN ITSELF. STARTING FROM SOCIAL REPRESENTATION TO A CULTURAL GEOGRAPHY OF THE ORDINARY WORLD OF A CONSENSUAL UNIVERSE, IMPACTED BY THE REIFIED UNIVERSE OF SCIENCE AND POLITICS. THIS ESSAY INTENDS TO PRESENT THE ELEMENTS OF ITS STRUCTURE AND ANALYTICAL BASIS.

KEYWORDS: CULTURAL GEOGRAPHY, SPACE AND REPRESENTATIONS, SOCIAL REPRESENTATIOS AND GEOGRAPHY.